



Plutarco Educador da Europa: actas do Congresso: 11 e 12 de Novembro de 1999

Autor(es): Congresso Plutarco Educador da Europa, Coimbra, 1999

Publicado por: Fundação Eng. António de Almeida

URL persistente: URI:<http://hdl.handle.net/10316.2/2378>

Accessed : 8-Jan-2018 09:57:51

A navegação consulta e descarregamento dos títulos inseridos nas Bibliotecas Digitais UC Digitalis, UC Pombalina e UC Impactum, pressupõem a aceitação plena e sem reservas dos Termos e Condições de Uso destas Bibliotecas Digitais, disponíveis em <https://digitalis.uc.pt/pt-pt/termos>.

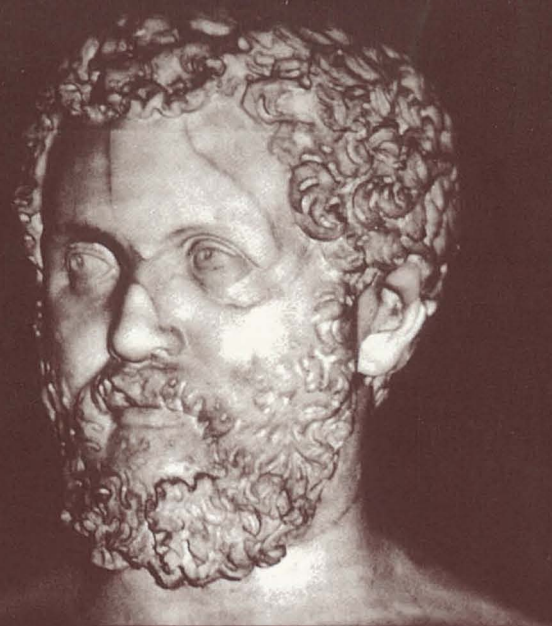
Conforme exposto nos referidos Termos e Condições de Uso, o descarregamento de títulos de acesso restrito requer uma licença válida de autorização devendo o utilizador aceder ao(s) documento(s) a partir de um endereço de IP da instituição detentora da supramencionada licença.

Ao utilizador é apenas permitido o descarregamento para uso pessoal, pelo que o emprego do(s) título(s) descarregado(s) para outro fim, designadamente comercial, carece de autorização do respetivo autor ou editor da obra.

Na medida em que todas as obras da UC Digitalis se encontram protegidas pelo Código do Direito de Autor e Direitos Conexos e demais legislação aplicável, toda a cópia, parcial ou total, deste documento, nos casos em que é legalmente admitida, deverá conter ou fazer-se acompanhar por este aviso.



UNIVERSIDADE DE COIMBRA



PLUTARCO

Educador da Europa

Actas do Congresso

Coordenador: José Ribeiro Ferreira



Fundação Eng. António de Almeida

(Página deixada propositadamente em branco)

PLUTARCO
EDUCADOR DA EUROPA

Título: Actas do Congresso Plutarco Educador da Europa

Coordenação: José Ribeiro Ferreira

Edição: Fundação Eng. António de Almeida
Rua Tenente Valadim, 325
4100-479 Porto

Data da edição: Abril de 2002

Paginação e capa: Inês Figueiredo

Impressão e acabamento: SerSilito - Empresa Gráfica, Lda. / Maia

Tiragem: 1 000 exemplares

Depósito Legal n° 179404/02
ISBN: 972-8386-41-9

ACTAS DO CONGRESSO

PLUTARCO
EDUCADOR DA EUROPA

11 e 12 de Novembro de 1999

Coordenador: José Ribeiro Ferreira

INSTITUTO DE ESTUDOS CLÁSSICOS
CENTRO DE ESTUDOS CLÁSSICOS E HUMANÍSTICOS
FACULDADE DE LETRAS
UNIVERSIDADE DE COIMBRA



FUNDAÇÃO ENG. ANTÓNIO DE ALMEIDA

(Página deixada propositadamente em branco)

Cristina Santos Pinheiro

Universidade da Madeira

CLEÓPATRA E O PODER DA PERVERSIDADE NA VIDA DE MARCO ANTÓNIO DE PLUTARCO¹

Falar de Cleópatra VII é integrar uma tradição formada ao longo de séculos de leitores ávidos e sequiosos de mistério e romance, que mantiveram viva a lembrança da enigmática rainha do Egípto. A lista de adaptações ao cinema e à televisão provam o interesse recorrente e inesgotável da personagem, que continua a figurar em inúmeras obras literárias inspiradas pela riqueza da sua “história”².

Os títulos mais recentes da vasta bibliografia crítica que se tem debruçado sobre Cleópatra abordam essencialmente problemáticas étnicas, colonialistas e feministas, tendo como principal finalidade resgatar a verdadeira Cleópatra das malhas da propaganda política de Augusto.³ É imperioso questionar e re-avaliar os preconceitos e atitudes políticas subjacentes a estigmas como a *Aegyptia coniunx* (*Aen.*, VIII, 685) de Vergílio, o *fatale monstrum* de Horácio (*Carmina* I, 37, 21), ou a mere-

.....
¹ À Prof. Doutora Cristina Pimentel e ao Dr. Joaquim Pinheiro expresseo o meu agradecimento pela solicitude e aconselhamento incansáveis que dedicaram à leitura deste trabalho. Erros remanescentes são da minha responsabilidade.

² Escrevo *história* entre aspas porque considero, no seguimento de Ronald Syme (cf. Bibliografia) e outros, que a maioria das informações que possuímos acerca da sua vida foram “contaminadas” pelo poder da propaganda política romana da época.

³ cf. Maria Wyke, “Augustan Cleopatras: Female Power and Poetic Authority”, *passim*.

trix regina de Propércio (III, 11, 39), sem, no entanto, como Chaucer⁴ em *The Legend of Good Women*, a elevarmos ao estatuto de mártir do amor ou a considerarmos uma ingênua e malfadada heroína romântica. Esta antinomia conduziu-nos à ousadia de, uma vez mais, revisitar uma das fontes mais profícuas da sua vida e da sua personalidade: a *Vida de Marco António*, de Plutarco.

É na biografia do famoso triúmviro romano que procuramos os sinais da pretensa e tão apregoada perversidade de Cleópatra. Começemos por analisar a definição de perversidade do *Dicionário de Psicologia* de Henri Piéron que nos apresenta três traços distintivos desta patologia psicológica:

“Perversidade—tendência a realizar atos imorais, a sentir satisfação em fazer maldades e em ser simulado, falso.”⁵

Este “quadro clínico” parece corresponder ao *fatale monstrum* horaciano, confirmando a apreciação negativa de Cleópatra.

Quanto a Plutarco, nascido cerca de um século após a morte de Cleópatra, não deixa de ser relevante, à partida, o facto de, no prefácio às biografias paralelas de Demétrio e de António⁶, afirmar que a finalidade destas *Vidas* não é outra senão mostrar os defeitos, erros e crimes de dois homens que devem ser o exemplo a evitar.

Marco António, jovem de grande beleza⁷, distinguiu-se, de acordo com Plutarco, desde muito cedo em Roma, devido aos seus costumes devassos e pouco recomendáveis para uma pessoa da sua condição: demasiado endividado para a sua idade⁸, dominado por más companhias⁹, afeito a banquetes e mulheres – comprometidas, livres ou artistas...¹⁰. Esta vida escandalosa, associada a uma prodigalidade excessiva, granjeou-lhe o ódio da honesta população civil¹¹. Possuía, no entanto, como poucos uma grande qualidade: o seu desempenho na vida militar

.....
⁴ Geoffrey Chaucer, *Love Visions: The Book of the Duchess, The House of Fame, The Parliament of Birds, The Legend of Good Women*, London, Penguin Books, 1983.

⁵ Porto Alegre, Editora Globo, 1977, s. u. “Perversidade”.

⁶ Dem. 1, 4-6. Seguimos, para a *Vida de Demétrio*, a edição da colecção “Les Belles Lettres”: Plutarque, *Vies XIII: Démétrios-Antoine*, (texte établi et traduit par Robert Flacelière et Émile Chambry) Paris, “Les Belles Lettres”, 1977; para a *Vida de António*, a edição de C. B. R. Pelling, indicada na bibliografia.

⁷ *Ant.* 2, 4; 4,1. Todos as referências remetem para a edição de Pelling, citada na Bibliografia.

⁸ 2, 5.

⁹ 2, 4.

¹⁰ *ibid.*

¹¹ 9, 5.

era exemplar¹², pois era corajoso e capaz de suportar as maiores adversidades. Os seus homens admiravam-no e eram-lhe fiéis. César tinha por ele um grande apreço, mas a conduta política de António não condizia de modo algum com o seu comportamento no campo de batalha: era um político tortuoso e manipulador¹³.

Quanto à sua vida amorosa, pertinente no contexto deste estudo, e deixando de lado ligações furtivas ou menos duradouras, cumpre-nos, à imagem de Plutarco, considerar três personagens: Fúlvia, Cleópatra e Octávia.

A primeira, Fúlvia, que, como António, estava no seu terceiro casamento, é apresentada por Plutarco como uma mulher dominadora, apostada em governar um homem habituado a governar, e nada devota dos úteis e inofensivos deveres femininos:

“οὐ θαλασίαν οὐδ οἰκουρίαν φρονοῦν γυναῖον ¹⁴”

(mulher que não tinha no pensamento nem fiar a lã nem cuidar da casa.)

Assim, quando chega à intimidade de Cleópatra, António está já habituado à submissão ao poder feminino, que, nos *Antonii*, parece ser uma tradição familiar: já o seu pai, pessoa simpática mas de personalidade pouco vincada, sofria o domínio de Júlia, sua severa esposa.

É no contexto do poder excessivo de Fúlvia sobre António que Plutarco refere, pela primeira vez, Cleópatra, deixando entrever aquele que será um *leitmotiv* da caracterização do par António-Cleópatra: o domínio e a submissão. Tanto Fúlvia como a rainha do Egipto exercem sobre António um domínio impróprio de uma mulher sobre um homem, transformando-o numa espécie de brinquedo, manipulado para satisfação dos caprichos femininos.

Desde o primeiro momento, a relação de António e Cleópatra é viciada pela intervenção de Quinto Délio que, no seguimento da deslocação de António ao Oriente após a batalha de Filipos em 42 a. C., é enviado ao Egipto a fim de convocar Cleópatra, para que esta explique o apoio dado aos assassinos de César. Mal Délio a viu, segundo Plutarco, percebeu logo que António seria incapaz de castigar Cleópatra e que esta

¹² cf. a título de exemplo: 3, 9; 6, 5; 17, 5.

¹³ cf. a sua conduta em relação aos assassinos de César (14, 3ss.).

¹⁴ 10, 5.

exerceria sobre ele grande influência:

(...)Δέλλιος ὡς εἶδε τὴν ὄψιν καὶ κατέμαθε τὴν ἐν τοῖς λόγοις δεινότητα καὶ πανουργίαν, εὐθὺς αἰσθόμενος ὅτι κακὸν μὲν οὐδὲ μελλήσει τι ποιεῖν γυναικῶν τοιαύτην Ἀντόνιος, ἔσται δὲ μεγίστη παρ' αὐτῶ.¹⁵

(Délio, quando viu o seu aspecto e se apercebeu da habilidade e da astúcia nas suas palavras, logo compreendeu que António não haveria de fazer nenhum mal a tal mulher e que esta gozaria da maior influência junto deste.)

Julgando-se, assim, grande conhecedor dos corações humanos, Délio define o ascendente de que a rainha do Egipto desfrutará junto de António e prepara-a para o encontro, lisonjeando-a e salientando a bondade do general. Ciente do poder da sua beleza e do seu espírito, na idade em que, de acordo com Plutarco, ambos –espírito e beleza– se encontram no seu auge, Cleópatra prepara-se como convém à sua condição de rainha. Todavia, as suas maiores esperanças deposita-as “nela própria e nos seus encantos e filtros”.

τὰς δὲ πλείστας ἐν ἑαυτῇ καὶ τοῖς περὶ αὐτὴν μαγγανεύμασι καὶ φίλτροις ἐλπίδας θεμένη (...).¹⁶

(depositando as maiores esperanças em si própria e nos encantamentos e filtros que a envolviam)

De acordo com Plutarco, e ao contrário de Díon Cássio que a classifica como “περικαλλεστάτη γυναικῶν” – *a mais bela das mulheres*– (42, 34, 4ss.), o verdadeiro fascínio de Cleópatra não residia no seu aspecto físico, mas na conversação sedutora, na graça das suas palavras e no som da sua voz, aliados a um conhecimento surpreendente de várias línguas, inclusive da língua falada pelos Egípcios, que gerações de Ptolemeus não tinham aprendido¹⁷.

Aliada a estes encantos, a extravagância da chegada a Éfeso parece ter impressionado António de uma forma irremediável. Fazendo-se transportar num navio magnificamente ornamentado, vestida como

¹⁵ 25, 3.

¹⁶ 25, 6.

¹⁷ 27.

Afroditte, acompanhada por Cupidos, Nereides e Graças, ao som de flautas, siringes e cítaras, Cleópatra é acolhida pelos habitantes da cidade como se fosse a própria deusa, que, diziam, viera juntar-se a Dioniso para bem da Ásia¹⁸. Esta associação devia-se ao facto de também António ter entrado de uma forma histriónica em Éfeso, fazendo-se preceder de Bacantes, Sátiros e Pans, como Dioniso. Para uns, como “Διόνυσον... Χαριδότην καὶ Μελίχιον”, (*Dioniso que dá a alegria e a paz*) para outros como “Διόνυσον Ὠμηστῆς καὶ Ἀγριώλιος”¹⁹ (*Dioniso carnívoro e cruel*). Este contraste define o que Plutarco considera ser a essência do carácter de António: uma amálgama controversa de virtudes e defeitos – o Bem e o Mal associados, no entanto, a uma incapacidade de percepção do exterior e a uma ingenuidade sincera, que o fazia admitir as suas faltas perante as pessoas que tinha prejudicado²⁰.

Desta caracterização sobressai uma certa simpatia e alguma permissibilidade para com António. O seu pior crime chamou-se, no entanto, Cleópatra:

(...) Ἀντωνίῳ τελευταῖον κακὸν ὁ Κλεοπάτρας ἔρωσ ἐπιγενόμενος καὶ πολλὰ τῶν ἔτι κρυπτομένων ἐν αὐτῷ καὶ ἀτρεμοῦντων παθῶν ἐγείρας καὶ ἀναβακχεύσας, εἴ τι χρηστὸν ἦ σωτήριον ὅμως ἀντεῖχεν, ἠφάνισε καὶ προσδιέφθειρεν.²¹

(*Sobreveio a António o amor de Cleópatra – o último mal – e tendo despertado e agitado muitas das paixões ainda escondidas e inactivas no seu espírito, se persistia ainda algo de benigno ou salutar, anulou-o e corrompeu-o*)

O pouco que António tinha de louvável extinguiu-se, assim, devido ao amor por Cleópatra, a quem acompanhou a Alexandria, onde, extravagante, afectadamente requintada e inteligente, soube distraí-lo dos seus deveres militares e políticos, com banquetes, passeios, festas e pescarias, enquanto em Roma Fúlvia provocava um conflito com Octaviano, para fazer António regressar dos braços da rival. Obrigada a fugir para o Oriente, Fúlvia acaba por morrer, permitindo a reconciliação dos triúmviros, selada pelo Tratado de *Brundisium* e pelo casamento de António com Octávia, viúva de Marcelo, irmã de Octaviano.

¹⁸ 26

¹⁹ 24, 5.

²⁰ 24, 1.

²¹ 25, 1.

Se Cleópatra tinha dissipado as poucas virtudes de António, Octávia surge como uma hipótese de redenção. Não tivesse o ciúme e a inveja da rainha do Egipto afastado deliberadamente os dois, Octávia, com todas as suas qualidades, teria reencaminhado António para Roma e para o bem:

(...) τοῦτον ἅπαντες εἰσηγοῦντο τὸν γάμον, ἐλπίζοντες τὴν Ὀκταουίαν, ἐπὶ κάλλει τοσοῦτα σεμνότητα καὶ νοῦν ἔχουσαν, εἰς ταῦτόν τῃ Ἀντωνίῳ παραγενομένην καὶ στερχθεῖσαν ὡς εἰκὸς τοιαύτην γυναῖκα, πάντων πραγμάτων αὐτοῖς σωτηρίαν ἔσεσθαι καὶ σύγκρασιν.²²

(Todos aconselhavam este casamento, na esperança de que Octávia, que acrescentava à beleza dignidade e inteligência, estando ao lado de António e sendo amada como é justo que se ame uma mulher de tal índole, fosse para eles motivo de salvação e de harmonia em todas as questões.)

Os poucos momentos em que António se manteve ao lado da sua esposa, em Atenas, foram marcados pelo equilíbrio moral e político.

Octávia é o oposto de Cleópatra²³: bela, discreta, fiel a um marido que a despreza, mãe extremosa. De acordo com Plutarco, o poder da sua beleza e influência aterrorizam Cleópatra que, em 35 a. C., depois da ajuda trazida por Octávia para a campanha contra os Partos, se finge apaixonada por António, simulando toda uma série de sintomas de um amor verdadeiro²⁴: fraqueza física, lágrimas dissimuladas, desespero. Os seus amigos e servidores acusam António de ser insensível por permitir a morte de uma mulher que nem sequer se podia chamar sua esposa legítima, título de que dispunha uma outra, que se unira a ele por razões meramente políticas.

Este tipo de calúnia contra Octávia, cujas intervenções políticas se limitavam a tentativas de reconciliação entre o irmão e o marido²⁵, frequentemente desavindos, manteve António distante da sua esposa romana, que, mesmo aconselhada por Octaviano, se recusava a abandonar a casa do marido.

Novamente com Cleópatra em Alexandria, Marco António perde

²² 31, 4.

²³ cf. Karin Blomqvist, "From Olympias to Aretaphila: Women in Politics in Plutarch", pp. 83-4.

²⁴ 53.

²⁵ 35, 3.

o equilíbrio e regressa ao frenesim da vida da corte egípcia, encetando uma série de acções que haveriam de ser oportunamente aproveitadas pela propaganda de Octaviano. Numa cerimónia pública, no ginásio de Alexandria, declara Cleópatra e os seus filhos (Ptolemeu César, filho de César e os três filhos de António, os gémeos Alexandre Hélio e Cleópatra Selene, e o mais novo, Ptolemeu) monarcas de alguns territórios do Oriente, postos à sua guarda, uns já conquistados, outros ainda não²⁶. A partir desse momento, acrescenta Plutarco, Cleópatra passou a aparecer em público como a Nova Ísis.

Torna-se, por estas e outras razões, inevitável um novo confronto entre António e Octaviano. Cleópatra recusa-se a permanecer em Alexandria, decidida a acompanhar António. Segundo Plutarco, esta teimosia nada teve de louvável ou audacioso. Cleópatra temia que a mediação benévola de Octávia promovesse, uma vez mais, o entendimento entre o marido e o irmão. Declarada a guerra, –curiosamente a Cleópatra, não a António– em Samos e em Atenas, ambos passam o tempo em festejos e banquetes, deixando todos boquiabertos com a celebração... dos preparativos do conflito²⁷. As deserções são frequentes: os amigos de António não suportam a influência egípcia e a presença da rainha no campo de batalha e mudam-se para o lado de Octaviano.

A intervenção de Cleópatra em Áccio, em 31 a. C., terá sido a causa da derrota de António, que, para lhe agradar, decidiu atacar por mar com os navios egípcios, pesados, opulentos e pouco ágeis, erro estratégico para um general habituado à batalha terrestre. Plutarco não poupa críticas e acusações a Cleópatra, inclusive a de ter querido uma batalha naval por, assim, ser mais fácil a fuga. E, de facto, segundo a versão plutarqueana, Cleópatra fugiu, ainda o combate não estava decidido, deixando ambas as facções espantadas e semeando entre elas a confusão. António, num procedimento que lhe valeu a severa censura de Plutarco, seguiu a rainha e as suas tropas foram derrotadas. Vazio, apagado, dominado, o espírito de Marco António deixara de ter uma existência autónoma e auto-suficiente. Não existia longe de Cleópatra:

ἐνθα δὴ φανερόν αὐτὸν Ἀντώνιος ἐποίησεν οὗτ' ἄρχοντος οὗτ' ἀνδρὸς οὗθ' ὄλωσ ἰδίους λογισμοῖς διοικούμενον, ἀλλ' - ὅπερ τις παίζων εἶπε τὴν ψυχὴν τοῦ ἐρῶντος ἐν ἀλλοτριῷ σώματι ζῆν

²⁶ 54, 6-9.

²⁷ 56, 10.

- ἐλκόμενος ὑπὸ τῆς γυναικὸς ὥσπερ συμπεφυκὸς καὶ συμ-
μεταφερόμενος.²⁸

(Então tornou-se evidente que António não se regia nem pelo raciocínio de general, nem pelo de homem, nem pelo seu próprio pensamento, mas – como disse alguém brincando: a alma daquele que ama vive no corpo de outra pessoa – era arrastado por aquela mulher como se fizesse parte do seu corpo e fosse transportado juntamente com ela.)

Nos dias que se seguiram, António remeteu-se ao silêncio e ao isolamento, atitudes que não abandonou em Alexandria. Só quando é informado da derrota completa em Áccio e da deserção de alguns monarcas orientais, regressa ao seu habitual *modus vivendi* alexandrino: festas, banquetes, luxo, excessos²⁹... Cleópatra experimenta venenos e manda construir um mausoléu, onde guarda os seus bens mais preciosos.

Quando Octaviano chega ao Egipto, com promessas de clemência para a rainha caso esta lhe entregasse ou assassinasse António, este decide morrer com dignidade, no campo de batalha. Nessa noite, um fenómeno curioso fez-se ouvir em Alexandria: o ruído de um tíaso saindo da cidade em direcção ao acampamento das tropas de Octaviano, ou seja, Dioniso, abandonando António:

ἔδόκει δὲ τοῖς ἀναλογιζομένοις τὸ σημεῖον ἀπολείπειν ὁ
θεὸς Ἄντωνιον, ᾧ μάλιστα συνεξομοίων καὶ συνοικειῶν ἑαυτὸν
διετέλεσεν.³⁰

(Parecia aos que analisavam o fenómeno que o deus, a quem António se tornara mais semelhante e adaptara a sua vida, o abandonara.)

No dia seguinte, depois de os seus soldados terem desertado massivamente, António regressa à cidade, em cólera, acusando Cleópatra de traição. Aparentemente para escapar à ira de António, ela manda enviar-lhe uma mensagem, dizendo que estava morta. Então, depois de recorrer a um escravo com o nome expressivo de Eros, que em vez de desferir o golpe final em António o desferiu em si próprio, aquele é obriga-

.....
²⁸ 66, 7-8.

²⁹ 71.

³⁰ 75, 6.

do a suicidar-se com a sua própria mão. Não tendo morrido de imediato, levaram-no para junto de Cleópatra no mausoléu, para onde entrou, meio-morto, içado pela própria rainha e pelas suas aias através de uma janela, num espectáculo impressionante e patético. Os breves momentos que precederam a morte de António foram marcados por uma ternura até então ausente do relato de Plutarco. As últimas palavras do triúviro são uma declaração lapidar que podia, segundo Pelling³¹, figurar no seu epitáfio. António diz que morre:

καὶ νῦν οὐκ ἀγεννῶς Ῥωμαῖος ὑπὸ Ῥωμαίου κρατηθείς.³²

(agora como Romano vencido nobremente por um Romano.)

A sua última declaração é uma afirmação de romanidade, é o regresso a uma pátria com quem teve uma relação conturbada de amor e ódio. Mas também para Cleópatra há uma palavra de conforto. Segundo Plutarco, pediu-lhe:

αὐτὸν δὲ μὴ θρηνεῖν ἐπὶ ταῖς ὑστάταις μεταβολαῖς, ἀλλὰ μακαρίζειν ὧν ἔτυχε καλῶν, ἐπιφανέστατος ἀνθρώπων γενόμενος³³

(que não chorasse por causa das últimas mudanças, mas que se alegrasse pelo que lhe aconteceu de bom, ele que se tornara o mais ilustre dos homens.)

Depois de ter permitido que Cleópatra sepultasse condignamente António, Octaviano, iludindo-a com promessas de clemência para com ela e seus filhos, mantinha-a vigiada, para impedir que se suicidasse³⁴. Mas esta, ao saber que Octaviano planeava ostentá-la no cortejo triunfal, enviou-lhe uma mensagem pedindo que o seu corpo fosse colocado junto do de António e, entretanto, suicidou-se, alegadamente com uma áspide trazida num cesto de figos. As aias seguiram-na na morte e Octaviano concedeu-lhe o seu último pedido.

.....
³¹ *Op. cit.*, p. 307.

³² 77, 7.

³³ *Ib.*

³⁴ 79, 6.

Se a caracterização de Cleópatra feita até ao momento do seu suicídio não é propriamente abonatória do seu carácter, os momentos finais, tanto da vida de António como da vida da rainha, parecem ter-lhes restituído a dignidade e a elevação que se espera da proximidade da morte.

Ao longo da obra, Plutarco questiona frequentemente a sinceridade do amor de Cleópatra por António e até a legitimidade da influência daquela sobre este, insinuando o uso de “filtros” amorosos. Ao reiterar esta acusação, atribui a Cleópatra um dos vectores que definem a perversidade: a dissimulação. Se, de facto, Cleópatra fingiu, parece-nos que a um determinado momento ela própria acreditou na sua fantasia, assumindo de bom grado a união com António na morte. Recorde-se que um dos escândalos que em Roma incendiou contra ele a cólera do povo foi a revelação de algumas cláusulas do seu testamento, guardado pelas Vestais, especialmente a vontade expressa de que o seu corpo fosse enviado para Alexandria, mesmo que tivesse morrido em Roma. António, um Romano, querendo ser sepultado nas barbáricas terras egípcias, governadas por uma celerada rainha, desprezando ao mesmo tempo e pelo mesmo acto família, esposa legítima e pátria. Dominado, enfeitado, destituído de razão: estes são alguns dos argumentos que Augusto ostenta para justificar uma guerra que é uma guerra civil.

Sendo Plutarco um Grego, bastante posterior à agitação provocada por Cleópatra e Marco António e, também, por Octaviano, não deixa de ser interessante equacionar o ponto de vista que exprime. Vivendo sob o domínio do império romano, Plutarco parece partilhar a visão que autores contemporâneos de Augusto nos deixaram, representantes da versão do vencedor. E é tanto mais vencedor aquele que vence um inimigo hostil e perigoso. Assim, uma guerra que é, nas suas bases e desenvolvimento, uma guerra civil, Romano contra Romano, é metamorfoseada numa espécie de guerra santa contra a Infiel, a que adora deuses que ladram, a feiticeira. O patriotismo é usado como camuflagem para um conflito fratricida e Cleópatra é elevada ao estatuto de inimigo do Estado Romano. A sua relação com Marco António é apenas a prova do perigo que ela representa: o fascínio dos encantos, riquezas e extravagâncias do Oriente. É vítima de um preconceito étnico antigo. Apesar de ter origens gregas, Cleópatra associou-se a costumes que Gregos e Romanos consideravam bárbaros. A assimilação e exteriorização que a monarca fez dos valores do seu povo, que os Egípcios terão considerado uma virtude, surge como uma atitude anti-natura para a propaganda

de Augusto. Mesmo acções como a assimilação a Ísis, que as rainhas do Egipto praticavam há séculos, surge em Plutarco como mais um excesso de Cleópatra, uma nova demonstração da sua *hybris*.

A participação nas esferas política e militar, numa época em que a mulher ideal reina em sua casa, assumem o valor de uma transgressão: Cleópatra transgride, ultrapassa as características consagradas do género feminino, personificadas, na obra, em Octávia. Uma mulher demasiado activa e interveniente em campos reservados à presença masculina ofusca, fragiliza necessariamente os homens à sua volta, desprovidos da ostentação da força e do poder. Ao contrário, mulheres como a esposa romana de António, que se recusam a intervir no mundo masculino da política e da guerra e se dedicam à educação dos filhos e à guarda da casa, apoiam a afirmação do homem enquanto autoridade política e militar, garantindo a ordem natural do cosmos.

Cleópatra e Octávia parecem representar as duas facetas de António: a boa, equilibrada, romana e a má, estouvada, egípcia. Cleópatra simboliza, assim, a desordem resultante da perversidade, de uma perversidade que, a nosso ver, não está cabalmente atestada em Plutarco.

Bibliografia:

1. Plutarch, *Life of Antony* (edited by C. B. R. Pelling), Cambridge University Press, 1994.
2. Lucy Hughes-Hallett, *Cleopatra: Histories, Dreams and Distortions*, London, Pimlico, 1990.
3. Karin Blomqvist, "From Olympias to Aretaphila: Women in Politics in Plutarch", in Judith Mossman (ed.), *Plutarch and his Intellectual World*, London, Duckworth, 1997, pp. 73-98.
4. Maria Wyke, "Augustan Cleopatras: Female Power and Poetic Authority", in Anton Powell (ed.), *Roman Poetry and Propaganda in the Age of Augustus*, London, London Classical Society, 1994, pp. 98-140.
5. Ronald Syme, *La Révolution Romaine*, (trad. francesa de Roger Stuveras) Gallimard, 1967.
6. Sarah B. Pomeroy, *Goddesses, Whores, Wives and Slaves: Women in Classical Antiquity*, London, Pimlico, 1994.